

Prólogo

*Floresta de Baldwin, Inglaterra
Dezembro de 1390*

Se um homem pudesse vender a alma ao diabo por uma hora, sir Guy de Warwick estava disposto a encarar o trato.

Por favor, que essa hora seja na noite de hoje.

Indiferente ao vento gelado que lhe açoitava as faces, ele esporeou o cavalo para dentro da escuridão que o chamava. Lá, poderia livrar-se dos demônios que o assolavam por dentro... ou defrontá-los. Lá, na mata ancestral, onde o ar da meia-noite recendia a folhas podres e a morte, Guy de Warwick os caçava, como fazia todas as noites havia semanas, impelido pelo ódio e pelo desespero.

Mantinha a espada em prontidão. As sombras negro-azuladas moviam-se pela floresta banhada pelo luar, como almas penadas. Ele as perseguia em vão, mas, naquela noite, não desistiria. O instinto lhe dizia que o assassino voltaria, e com ou sem trato com o demo, Guy encontraria o homem que procurava e o mandaria direto para o inferno.

Pelo canto do olho, viu de relance uma sombra à espreita.

Fez o cavalo dar meia-volta e vociferou na direção do fantasma esquivo.

— Pare aí!

A figura que corria tropeçou num tronco caído. Um homem, esquelético e curvado, mas humano, sem dúvida nenhuma, cambaleou e levantou-se. Encolheu-se, apertando um embrulho na dobra do braço.

Guy refreou a montaria.

— Fique onde está!

— Cavaleiro das Sombras, escute-me!

— Quem é você? — Guy gritou, a espada em riste. Nenhum homem se aventurava a penetrar naquela parte da mata sozinho e à noite. Não sem uma razão muito forte.

— James Sapateiro, do vilarejo de Halvern.

— O que tem nessa trouxa?

O sapateiro ergueu uma lebre mirrada no ar.

— Não existe caça em nenhuma outra floresta. As pessoas não vêm aqui desde... — Lançou um olhar preocupado para a mata.

Guy inclinou-se.

— Não está com medo, sapateiro? E se o assassino que matou minha irmã e seu bebê voltasse?

— Eu esperava que o Cavaleiro das Sombras o encontrasse primeiro, senhor, e que me deixasse em paz. — Uma lufada de vento gelado redemoinhou em torno do homenzinho, e o rosto dele ficou branco como o de um fantasma. Encolheu-se e protegeu a cabeça com a lebre. — Não deixe que eles me peguem!

Guy esquadrinhou a floresta. Sentia a presença deles como sempre, do fantasma de sua irmã e de seu sobrinho. Eram a razão de patrulhar à noite, esperando pelo assassino, procurando. Não sentia medo quando estavam por perto, apenas inquietação e pesar.

Respirou fundo.

— Vá pra casa, sapateiro. Guarde a lebre para seu jantar. E chega de caçar às escondidas.

O sapateiro enfiou a lebre debaixo do braço.

— A lebre não é pra mim. Vou trocá-la com a vidente pela poção que há de curar minha esposa doente. Deu o abençoe, Cavaleiro das Sombras. Salvou uma vida esta noite.

Sem dizer mais nada, esgueirou-se pela escuridão, serpeneando entre as árvores.

Guy ficou imóvel, as palavras do sapateiro dilacerando-lhe o coração. Se estivesse ali na mata um mês atrás, poderia ter salvado mais vidas, a de sua irmã Roselynn e a de seu sobrinho, um bebê recém-nascido chamado John.

A raiva cresceu dentro dele. Noite após noite, ele vinha até ali, procurando, esperando por um sinal, buscando o assassino. Não descobrira nada. O que mais poderia fazer?

Cerrou os punhos. Tinha buscado o conselho da vidente, lady Morna, tal como o sapateiro desesperado, embora a intuição lhe dissesse que era melhor fazer um trato com o diabo do que com ela. A mulher despertava lembranças que ele preferiria esquecer.

A noite gelada tornou-se mortalmente silenciosa. Galhos estalaram. Passos se aproximavam. Uma forma escura correu para o círculo de pedras, lançou-se atrás de uma delas e depois de outra, escondendo-se.

Guy enrolou as rédeas no pulso e firmou a montaria. Com o corpo tenso e pronto para a batalha, ele ergueu a espada. Se o caçador furtivo voltara, era um idiota. Se os passos eram de alguém que caminhava pela terra apenas de noite, muito melhor. Que bela oportunidade de confrontar um demônio!

A sombra solitária, envolta num manto negro com um capuz pontudo, parou e arranhou a terra com sua longa mão branca.

Humano. E não era nenhum caçador furtivo. Estava cavando.

Guy saltou do cavalo e deixou escapar um som horrendo, que ecoou nas pedras conforme ele investia sobre a figura encapuzada. Agarrou-a, mas o tecido rasgou-se, escapulindo por entre seus dedos. Perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos na

base da pedra, os braços esticados, as mãos vazias.

A figura desvaneceu-se, sem deixar nada para trás a não ser o rastro de pegadas na neve, logo varridas pelo vento.

Guy de Warwick sentou-se nos calcanhares e esbravejou para a escuridão, o coração batendo forte no peito.

— Seja homem ou demônio, *eu o encontrarei*. Eu juro!

Capítulo I

*Cornbury, Inglaterra,
Quatro meses depois*

Mesmo proibida de ficar ali pelo padre do vilarejo, ela faria Mo que tinha de fazer. Aos vinte anos de idade, solteira e sem pretendentes, Sybilla Corbuc não tinha como evitar.

Aquela noite valeria o risco.

Ela tirou o vestido azul desbotado pela cabeça e jogou-o no meio das palhas. Melhor tirar a roupa e sofrer com o frio do que arriscar-se a sujá-lo com manchas denunciadoras.

Cruzou os braços sobre os seios e obrigou-se a não tremer.

— Etienne — ela murmurou —, tem certeza de que o vigia noturno não o viu? A lua está brilhante esta noite.

Sua respiração dançou no ar como uma nuvem de vapor.

Um rapazinho de olhos ávidos e penugem espessa sobre o lábio superior esfregou as mãos.

— Não, moça. Estavam todos dormindo quando eu saí para me encontrar com você.

Sybilla estremeceu. Flocos de neve grudavam em suas faces e na testa, descendo por um buraco no teto.

— Vi pegadas de botas ao longo da estrada. Por favor, apague a vela. Para o que vamos fazer, há luz suficiente. —

Tirou o braço da combinação.

As faces de Etienne tingiram-se de vermelho, e seus olhos se arregalaram. Estaria perturbado ou receoso?

— E se pegarem a gente, moça, o que vão fazer?

— Com você, nada. Mas comigo... Serei presa, julgada, marcada como uma Segregada e jogada nua nas florestas.

Um arquejo escapou dos lábios de Etienne.

— É uma sentença de morte — murmurou ele.

Sybilla sentiu um calafrio.

— Não conte a ninguém sobre esta noite, Etienne.

Ela apertou a combinação meio removida ao peito, desejando ter um pouco de gordura de ganso ou uma porção de manteiga para ajudar na tarefa a ser feita.

— Sou obrigada a arriscar minha vida e a trabalhar em segredo, caso contrário morrerei de fome — balbuciou, com voz sumida.

Etienne baixou o olhar para os pés.

— Por que não deixam mais você ajudar nos partos do gado?

— O bispo proibiu todas as mulheres de trabalhar nos estábulos. Ele perdeu cinquenta crias esta temporada, todas abortadas sem aviso. Não entende o que aconteceu, e por isso culpa as bruxas pelas mortes.

Etienne bafejou as mãos enregeladas.

— Foram as bruxas, moça?

Sybilla meneou a cabeça.

— Não. Foi um contágio. Não havia nada que se pudesse fazer. — Ela se ajoelhou. — É melhor andar logo com isso.

Sem dizer mais nada, enfiou o braço num balde cheio de água tão fria que picava como agulhas. Com um arquejo, sentou-se nos calcanhares.

Santa Genoveva, eu te imploro, só desta última vez, não deixes que eu seja descoberta.

Sybilla apertou o braço enregelado. A água escorria em

filetes para seu cotovelo, e o vapor desprendia-se de sua pele ensopada. Então, esfregou o lombo inchado da égua cor de canela desbotada, que estava deitada nas palhas com a anca afundada e as tetas murchas.

— Pelo amor de Deus, Addy, por que você teve de fazer isso na noite mais fria desde o Dia de São Miguel?

Escorregou o braço para dentro do calor aveludado da égua e tateou até encontrar um minúsculo casco preso atrás dos ossos pélvicos dilatados. Passou os dedos em torno da junta e olhou para Etienne.

— Não se aflija — Sybilla murmurou. — Isto será mais fácil do que pensei.

Deu um puxão forte, conforme a égua empurrava e gemia. O potrinho escorregou para fora num esguicho de fluidos brilhantes.

Sybilla limpou o muco da boca e do focinho do recém-nascido.

— Não é que você é uma belezoca? — disse, baixinho, conforme seguia o traçado da perfeita listra branca que começava entre os olhos expressivos e terminava como um respingo pelo focinho do animal.

Então, arregalou os olhos ao ver as patas. O pelo ali era de um branco alvo, subindo até as juntas.

— Virgem Maria! Parece que você dançou na cal ou roubou as meias das freiras de Santa Berta. Mas é uma beleza, mesmo!

Olhou para Etienne e sua alegria desapareceu.

O garoto tinha a boca escancarada e uma expressão de medo.

— Moça, ele é marcado como o cavalo mágico do inferno! Aquele que a vidente disse que nasceria em Cornbury.

— Etienne, isso é conversa-fiada de uma vidente para ganhar trocados na feira. — Sybilla correu a mão pelo pescoço gracioso do potrinho. — Marcado ou não, o potro é meu. Gastei

meus últimos centavos para comprar a mãe dele. Foi gerado pelo garanhão espanhol campeão do duque de Marmount. Eu o chamarei de Regalo, presente de Deus. Parido são e salvo, enviado do céu, não do inferno.

Ela mesma se surpreendeu com o que disse. Cuidara do nascimento de centenas de potros, mas, por aquele, especialmente, tinha um senso de propriedade sem precedentes.

Addy relinchou e ficou de pé. Com os restos da placenta presos à cauda, a égua cheirou o potrinho e bufou de aprovação. O leite logo desceria, com a bênção dos santos, agora que ela vira e farejara a cria.

O potro, surpreendentemente alerta para um minuto de vida, ergueu a cabeça e olhou ao redor. Seus olhinhos brilhantes faiscavam quando ele rolou de lado, dobrou as pernas sob o corpo e encarou-a com ousadia.

Sybilla sorriu.

— Louvado seja, você é saudável! — Lavou o braço enregelado e enxugou-o com a barra da combinação. — É um belo potro, mesmo marcado assim. Eu não poderia ter esperado algo melhor. — Cutucou Etienne. — Vá buscar sua mãe. Ela saberá o que fazer a partir de agora. Não me atrevo a ficar por mais tempo.

Etienne saiu do estábulo sem fechar completamente a porta, e atravessou o quintal nevado até a casinha de pau-a-pique de teto de palha e chaminé torta, onde morava com a mãe. Como a viúva Margery conseguia dar de comer aos seis filhos durante o inverno era de se admirar, sem ter um centavo nem um marido para ajudar. A situação não estava favorável para ninguém, com aquela neve que não cessava de todo, embora já estivessem em abril. Até Sybilla já consumira seu último repolho.

O potro debateu-se na primeira tentativa para ficar de pé. Seus músculos tremeram com o esforço, mas, por fim, conseguiu se sustentar nas pernas oscilantes e erguer-se nas quatro

patas. Seus grandes olhos redondos se encheram de orgulho.

Sybilla esboçou um sorriso. Ela também tinha seu orgulho. Era uma mulher livre... Com frio e com fome, porém livre. Seus pais... que Deus desse descanso às suas almas... tinham sido livres também: seu padraсто nascido assim, e sua mãe abençoadamente libertada depois de anos de servidão.

Sybilla respirou fundo, imaginando como sobreviveria. Planejara ganhar seu sustento ajudando os fazendeiros com os potros, mas fora avisada para parar de praticar seu ofício.

— Sra. Corbuc! — o padre Ambrose gritara quando a encontrara com o braço dentro de uma égua que lutava para parir potros gêmeos. — A igreja barra as mulheres da prática da cirurgia e tratamento de animais. Eu a proíbo de ser parteira de um cavalo. É indecente.

Sybilla arrepiou-se. Se fosse pega naquela noite, eles a prenderiam.

Levou a mão à face, ao lugar onde apertariam o ferro em brasa e queimariam a marca de uma Segregada em sua pele... Vira isso ser feito em outras mulheres, ouvira os gritos e sentira o cheiro nauseante de carne queimada.

Seu estômago revirou-se diante da lembrança. Deus do céu, tinha de ir embora de Cornbury, para onde uma mulher com sua habilidade fosse livre para ganhar o próprio sustento!

Passos pesados soaram de repente pelo quintal e rumaram na direção do estábulo. Sybilla virou-se e olhou para a porta, em pânico.

Sufocando um grito, ela enfiou o braço pela manga da combinação e escondeu-se debaixo do cocho. Farpas da madeira podre raspavam em seu couro cabeludo, e teias de aranhas se enroscaram em sua boca e cílios.

Vozes masculinas gritavam. As dobradiças guincharam, e as portas do estábulo se escancararam. Uma lufada de vento soprou a neve para dentro, e ela viu quando um cavaleiro entrou, um homem gordo de barba ruiva.

Ele examinou os arredores.

— Acho que serve — resmungou.

Em seguida empurrou o capuz para trás e limpou a neve dos ombros e dos cabelos.

Um segundo cavaleiro entrou e passou por ele, a capa esvoaçando ao redor de suas pernas. As esporas reluziam em seus tornozelos, e o capuz encobria suas feições, mas ele era um homem alto, imponente, e sua postura e movimentos sugeriam que ele devia ter entre vinte e cinco e trinta anos.

Mesmo sem ver-lhe o rosto em detalhes, Sybilla sentiu a força da presença daquele homem. Ele respirou fundo e olhou em volta, com uma atitude de determinação. Descansou a mão no cabo da espada, enquanto esquadrihava o celeiro e, com passos pesados, caminhou na direção da baia escura onde Sybilla se escondera.

Ela prendeu a respiração.

O cavaleiro parou, empurrou o capuz e o barrete para trás e correu os dedos pelos cabelos escuros. Ergueu os olhos e examinou a coluna de neve que caía pelo buraco do teto, dançando num tênue raio de luz até dois passos à frente de Sybilla.

— Isto é um arremedo de estábulo, Simon — disse por sobre o ombro, com voz grave. — Mas pelo menos nos protegerá do vento, e já que perdemos nossos cavalos, isso não importa.

— Diabo dos infernos, Guy! Hamon nos emboscou. Aqueles homens eram soldados dele, não ladrões comuns. Estavam esperando por nós, e não eram apenas nossos cavalos que pretendiam tomar. Você deveria ter acabado com aquele que pegou. Precisa ser assim tão nobre?

O cavaleiro alto debruçou-se por sobre as tábuas da baia.

— Ah-ha! — Estendeu a palma aberta e estalou a língua. — Ei, garota, gostaria de ter companhia esta noite? — Ele afagou o pescoço de Addy enquanto o potrinho dava alguns passos trôpegos e cautelosos sobre as perninhas finas e

cheirava o intruso.

O cavaleiro alto riu e deixou o potro lambar sua luva.

— Este aqui acabou de nascer. — Apertou os olhos. — Pelas barbas do Santíssimo, Simon! Olhe só! Quatro patas brancas, e nascido em Cornbury... É ele! O meu cavalo. Marcado como Morna disse que seria! — Ele encarou o amigo. — Não sou um homem supersticioso, mas creio que encontrei meu cavalo, aquele que me ajudará em minha busca.

A respiração de Sybilla ficou presa em seu peito. O *seu* potro? Ia ajudar *aquela* homem numa busca?

Simon resmungou:

— Você sabe que não pode confiar em lady Morna.

Guy esfregou o rosto inchado e examinou o potro. A marca escura sob seu olho era visível mesmo na penumbra. Ele virou-se e deu um tapinha nas costas de Simon.

— Tenho um pressentimento com relação a este potrinho. Uma sensação que não tive com nenhum dos outros. Este... é *ele*.

Simon franziu a testa. Seus olhinhos dardejaram pelo estábulo como se ele pressentisse que não estavam sozinhos.

— Você não sabe reconhecer uma mulher decente... ou um cavalo decente, também. Esse potro de pernas trêmulas não pode ser *ele*. Ora, vamos dormir antes que o xerife nos encontre. Deve estar à procura do homem que roubou a esmeralda de lorde Hamon.

Guy fez uma careta.

— Você sabe que não peguei o colar de Hamon. Posso ter muitos defeitos, mas não sou ladrão.

Simon foi até a porta do estábulo e espiou pela fresta, o olhar atento. Voltou, estendeu a capa sobre a palha e deitou-se, colocando a espada ao lado.

— Sei que não é ladrão. Mas Hamon é um nobre rico, está procurando briga e não ajudou em nada você ter apalpado a irmã dele. Maldição, Guy, por que quer provocá-lo? A rixa

entre vocês dois nunca vai terminar.

Guy fincou a espada no chão.

— Nunca apalpei mulher nenhuma, muito menos lady Avelina! Ela é do tipo vingativo. Eu recusei suas investidas e ela ficou com raiva. Foi ela quem roubou a esmeralda.

Simon ergueu-se de joelhos.

— Por que mulheres perigosas sempre parecem rodeá-lo? Por que não consegue perceber a diferença entre uma mulher em quem pode confiar e uma em quem não pode?

Guy correu os olhos atentos pelo estábulo escuro. Arrancou a espada do chão e apontou a arma para o potro.

— Esse potro é o tal que vai me ajudar a vingar as mortes de minha irmã e meu sobrinho. Morna disse isso.

A voz de Simon soou tensa:

— Morna nem sempre acerta. Você procurou durante meses até agora, e o rastro do assassino esfriou. Guy, desista.

— Nunca. Não agora que encontrei meu cavalo. Este animal estava destinado a ser meu.

Sybilla quase saltou de seu esconderijo. Sir Guy estava falando sobre Regalo como se fosse seu dono.

O vento uivou e uma veneziana bateu contra as tábuas do estábulo. Simon levantou-se, empunhando a espada.

— Vamos embora. Este lugar não é seguro, e esse potro não é mágico. Ele é estranho, isso sim...

Guy sacudiu a cabeça.

— Vamos ficar. A magia dele ainda tem de ser revelada.

Simon tirou a capa do chão e jogou-a sobre os ombros.

— Prefiro encarar o vento a ficar aqui. Os homens de Hamon nos encontrarão se não continuarmos andando.

Guy enfiou a espada num rolo de feno encostado à parede.

— Deixe que nos encontrem. Estou com vontade de brigar. Vou ficar aqui com o potro esta noite. Enfrentarei lorde Hamon e seus homens caso nos encontrem. Farei...

Simon soltou um impropério e jogou a capa de volta no chão.

— Pelas barbas do Senhor, você é teimoso como um porco-do-mato!

Guy girou a ponta da espada, apontando para o potrinho.

— Imagine só, Simon! Imagine nascer para a grandeza numa estrebaria pobre como esta, de uma égua de costas afundadas que não vai durar outro inverno, e sem ninguém para testemunhar o fato além dos pombos nas vigas do telhado. — Simon benzeu-se, de olho na porta. — Jesus, ele não sabe o que diz. Não é o mesmo desde que Deus levou-lhe a irmã e o sobrinho.

— Não foi Deus que os levou, Simon. Foi um homem. E pretendo encontrá-lo. — Debruçou-se na cerca e alisou o flanco do potrinho. — Existem coisas erradas que devo acertar, mortes a serem vingadas. E *você* está destinado a me ajudar. — Virou-se para o amigo. — Nos últimos seis meses, passei meus dias procurando o assassino pelos campos, e minhas noites cavalgando pelas sombras da floresta onde minha irmã e meu sobrinho foram mortos. Jurei encontrar o assassino, e este potro nasceu para me ajudar. — Apontou para a égua e a cria. — Vamos levá-los quando partirmos, logo de manhãzinha.

Sybilla comprimiu os lábios para reprimir um arquejo. Aquele homem, aquele que chamavam de Cavaleiro das Sombras, pretendia roubar seu potrinho?

Cerrou os punhos até que as unhas se enterraram em suas palmas. Fosse ou não o Cavaleiro das Sombras, ela o desafiaria se ele se atrevesse a lhe roubar Regalo.

O vento parou por um momento, e tudo ficou silencioso, mas Simon fechou os dedos em torno do cabo da espada.

— Então, farei o primeiro turno de vigia. Você descanse um pouco e pense em como vai pagar para manter o potro durante os próximos três anos, ou até que seja grande o suficiente para ser montado.

Guy pegou uma braçada de feno do fardo e jogou-a na baia.

— Coma com vontade esta noite, garota. Amanhã de manhã, vamos partir para o Castelo de Ketchem.

O feno aterrissou no cocho, acima de Sybilla. Poeira e resíduos voaram pelo ar, cobrindo-lhe a face e os ombros. Ela fechou os olhos com força e prendeu a respiração.

Então... espirrou.

No instante seguinte, Guy saltou as tábuas da baia, agarrou Sybilla pelo braço e ergueu-a de pé, empurrando-a contra a parede e apontando um punhal contra seu pescoço.

— Quem é você, Senhorita dos Olhos Verdes? — ele indagou, o hálito quente bafejando a face de Sybilla. Aliviou a pressão da lâmina, o suficiente apenas para deixá-la falar.

A boca de Sybilla ressecou. O medo apossou-se de seu coração e de seus membros, mas ela não poderia se deixar intimidar. Aquele homem queria tomar seu potro, seu Regalo, e ela não desistiria dele.

Os olhos escuros do cavaleiro flamejavam como os de um animal, indicando que ele reagiria se ela se acovardasse. No entanto, ele era lindo, tão belo como São Miguel. Mesmo com um olho inchado e o queixo sangrando, tinha um rosto lindo de aturdir, emoldurado por uma massa de espessos cabelos pretos que se curvavam na nuca.

Com o coração disparado, ela apertou a combinação folgada contra o peito.

— Sou Sybilla Corbuc. E esse potrinho é meu. Não vou permitir que o roube de mim!

Guy franziu as sobrancelhas.

— Roubar de você? O que a faz pensar que eu o roubaria? Repito, srta. Corbuc, pois tenho certeza de que me ouviu da primeira vez, posso ter muitos defeitos, mas não sou ladrão.

Ele chegou mais perto. Perto demais.

Sybilla sentiu um calor escaldante subir pelo pescoço. A combinação fina mal lhe escondia os seios, e a barra da roupa esfarrapada estava levantada acima dos joelhos. As meias de

lã tinham escorregado até os tornozelos, deixando-lhe as pernas expostas. Mãe Santíssima, ela estava praticamente nua...

Guy apertou os olhos.

— O que andou fazendo, srta. Corbuc? — Olhou para o balde cheio de água suja. — Se não fosse o potro recém-nascido, eu suspeitaria que estivesse fazendo alguma coisa bem diferente — murmurou, com um sorriso cínico. — Está muito frio para ficar sem roupa, embora sua aparência aqueça meu coração enregelado. — Tirou um ramo de feno da trança desmanchada. — Você está suja e seus cabelos uma bagunça, mas... que cor! Negros e dourados, como mel cozido.

Os joelhos de Sybilla quase se dobraram. A boca do cavaleiro estava muito perto, e o corpo dele irradiava calor, força e masculinidade. Por um momento insano, ela desejou que ele passasse os braços ao seu redor e a puxasse para mais perto.

A voz de Simon elevou-se.

— Guy, você não sabe de quem ela pode ser parente! Lembre-se de lady Avelina. Já tivemos confusão suficiente por uma noite...

Guy respirou fundo, como se saboreasse um último olhar para Sybilla, e afastou-se. Tirou as luvas e fez uma mesura.

— Sou sir Guy de Warwick. A espada a serviço do rei Ricardo por juramento e, por lealdade, ao conde de Ketchem. Por minha honra como cavaleiro, não vou roubar seu potro. — Suas feições assumiram uma expressão intensa. — Mas posso pagar por ele, srta. Corbuc. Se estiver disposta a vender.

Passou o braço pelas tábuas por trás da cabeça de Sybilla. Tomou-lhe a mão na sua e entrelaçou os dedos aos dela.

Sybilla espantou-se. O calor dos dedos do cavaleiro prometiam uma quentura lânguida, como o sol dourado num dia preguiçoso de verão, radiante e caricioso.

Sua respiração se acelerou. Que tipo de mulher ele julgava que ela era?

Abaixou-se sob o braço de Guy.

— O potro não está à venda.

Guy puxou-a para trás.

— Mas eu *posso* pagar, srta. Corbuc. Sou um homem honrado. Podemos fazer uma barganha.

Uma sensação estranha, um calor formigante correu da ponta dos dedos dos pés até o âmago de Sybilla. Mãe Divina, aquele homem era cheio de energia vital e de força!

Ele inclinou-se para mais perto e falou com voz rouca:

— Eu lhe darei três vezes mais do que conseguiria por ele no mercado de Smithfield. Se me permitir.

Sem avisar, ele colocou a palma da mão de Sybilla sobre a volumosa bolsa de veludo de dinheiro que tinha logo abaixo do cinto.

Deus do céu, ele não entendera...

— O que posso fazer com uma esmeralda roubada, sir Guy? Sou uma mulher humilde, pobre e sem marido. Se eu tentasse vendê-la, seria presa e enforcada por roubo.

Ele franziu a testa.

— Eu não roubei a esmeralda de Hamon... Pare!

Sybilla arrancou-lhe a bolsa do cinto, e Guy estendeu a mão para segurar-lhe o pulso.

— Isso não é a esmer...

Antes que tivesse a chance de contê-la, Sybilla arremessou a bolsa pela baía.

— Agora deixe-me ir, seu grosseiro, caso contrário chamarei o xerife!

Simon virou-se para olhar para a porta do estábulo.

— Parece, srta. Corbuc, que ele já está aqui. — Ergueu a espada. — Guy! Às armas!

Capítulo II

Reprimindo um grito, Sybilla desviou-se de Sir Guy e jogou o balde de água, chutando a palha para cobrir a sujeira.

Uma voz masculina ecoou do lado de fora.

— Apareçam! Por ordem do xerife!

O terror perpassou por Sybilla. *Santo Deus...* Seria melhor ser acusada de fornicação do que ser pega cuidando do nascimento do potro.

Passou os braços pelo pescoço de sir Guy e, com um salto, enroscou as pernas em volta de sua cintura.

Guy cambaleou, lutando para recuperar o equilíbrio. Então despencou, levando Sybilla consigo para o chão. Seu rosto ficou diretamente sobre o dela, o peso da parte superior do corpo apoiado nos antebraços. Não parecia surpreso, nem preocupado. Na verdade, o divertimento faiscava em seus olhos.

Os passos de aproximaram, o som de botas ressoando na neve, perfurando o silêncio da noite. A égua e o potro afastaram-se depressa para o canto.

Sybilla comprimiu a boca na de Guy e beijou-o com força, rezando para que sua farsa fosse convincente. O que sabia sobre lascívia e acasalamento, a não ser o que testemunhara entre éguas e garanhões? Ela nunca se deitara com um homem.

Guy tomou-lhe o lábio inferior nos dentes e sugou-o gentilmente.

— Abra sua boca um pouco — murmurou contra os lábios dela. — Vai fazer parecer muito mais verdadeiro.

Para aflição de Sybilla, a língua de Guy abriu caminho por entre seus lábios entreabertos. Então, ele inclinou a cabeça para trás por um momento e fitou-a dentro dos olhos.

— Srta. Corbuc — sussurrou. — Você é deliciosa...

Ele baixou a cabeça e plantou-lhe uma fieira de beijos escaldantes ao longo das pálpebras e no rosto.

O coração de Sybilla deu um salto. Os beijos roubados do filho do padeiro, três anos anteras, nunca tinham sido como aqueles... tão perturbadores. A paixão de sir Guy despertava algo profundo dentro dela, uma necessidade alarmante, um anseio por algo mais.

Instintivamente, ela ergueu o queixo e inclinou a cabeça para trás, deixando que Guy explorasse seu pescoço, descendo perigosamente. O calor dos lábios ávidos deixava sua pele em chamas.

Deus Todo-Poderoso, o que ele estava fazendo? O que *ela* estava fazendo? O vigia noturno estava ali!

Começou a se debater, agitando as pernas, porém isso só fez com que Guy ajeitasse a parte inferior do corpo entre suas pernas, o membro firme comprimido sem pudor à virilha de Sybilla. Uma onda repentina de calor inundou-a, começando no ventre e se espalhando, despertando muito mais que um alvoroço. E um gemido baixo escapou de seus lábios.

Guy sorriu.

— Se está fingindo, Senhorita dos Olhos Verdes, eu não estou. A paixão que provoca em mim é de verdade...

As portas do estábulo rangeram ao se abrir, e uma lanterna lançou luz pela escuridão. Do chão, Sybilla podia ver os pés de três homens: as botas do guarda, o par de chinelas do padre, e um belo par de sapatos de couro feito a mão, tingido de

vermelho, com fivelas de prata.

— O que se passa aqui? — berrou a voz acima dos sapatos vermelhos.

Guy baixou a cabeça e murmurou ao ouvido de Sybilla.

— Confie em mim. Não roubarei o seu potro... nem sua virtude. Lembre-se disso. — Saltou de pé e puxou Sybilla para o alto.

Tremendo, Sybilla baixou o queixo, escondendo a face afogueada.

Com um olhar de soslaio, viu um sorriso irônico espalhar-se pelas feições de sir Guy, que se virava para encarar o xerife.

— Boa noite, xerife. O que o traz aqui?

O xerife coçou a ponta da barba escura. Seus olhos cravaram-se em Sybilla.

— Srta. Corbuc? O que faz aqui com esse homem? — O olhar a percorreu de cima a baixo.

— Eu... eu... — ela balbuciou.

Guy deu um passo à frente.

— A srta. Corbuc e eu combinamos um encontro. Eu queria ver o potro que ela tinha para vender. Estávamos apenas negociando o preço.

Sybilla desviou os olhos, apavorada. Nunca vira alguém se dirigir ao xerife como se ele não fosse mais que um besouro ou um monte de esterco.

O xerife arqueou uma sobrancelha.

— Ela não tem potro algum, a menos que a velha égua tenha parido. E o senhor, sir Guy, não tem dinheiro de sobra, depois de jogar tudo o que possuía e perder. A não ser, claro, que planeje pagar com a esmeralda roubada, aquela pertencente a lorde Hamon.

Guy estreitou os olhos.

— A esmeralda de lorde Hamon? A irmã dele a roubou. Não a peguei. Pode me revistar. Se tiver coragem. — Seu tom era calmo, mas os músculos do queixo estavam tensos.

O xerife fez um ar de riso fingido.

— Então você a enfiou em algum lugar, e pretendo encontrá-la. — Ele espiou dentro da baia e, com um bufo irritado, virou-se para encarar Sybilla. — O potro não tem uma hora de vida, srta. Corbuc. A égua ainda está com os restos da placenta pendurados no rabo. Estava aqui, cuidando da parição?

O corpo inteiro de Sybilla sacudiu-se numa negativa.

— Não. Eu estava apenas...

O padre benzeu-se.

— Que os santos nos acudam! O potro tem quatro patas brancas. E a srta. Corbuc aqui fez o parto, disse eu tenho certeza. Os vigias foram até a choupana do ferreiro onde ela estava dormindo, e ela não estava lá. Isso foi uma hora atrás. — Encarou Sybilla furioso, o rosto afogueado. — Ela estava aqui, fazendo arte com o demo.

Indignada, Sybilla pegou seu vestido e enfiou-o pela cabeça. Ajeitou os cabelos emaranhados e olhou para o xerife.

— Senhor, o potro nasceu antes de o sol se pôr. Já estava aqui quando vim olhar, depois de jantar. Os restos da placenta estão aí, mas algumas éguas carregam isso durante horas. — Ela apontou para Guy. — E o único demônio com quem saracoteei foi... ele. Confesso. Saí da cama uma hora atrás. Ele queria ver o potro, ouviu dizer que eu o venderia. Eu não sabia que o cavaleiro não tinha dinheiro, ou jamais teria me encontrado com ele.

Ela baixou a cabeça.

— Peça perdão por minha fraqueza carnal, padre, mas esse é o meu pecado.

A facilidade com que mentia aturdiu-a. A culpa alfinetou-a quando ela olhou de soslaio para o rosto divertido de Guy.

Em meio ao silêncio momentâneo, Etienne e a mãe entraram no estábulo, a decidida Margery à frente. Abriu caminho entre os homens e puxou o xale de lã esfarrapado em torno dos ombros frágeis.

Sybilla engoliu em seco. Margery nunca fora alguém de segurar a língua. Mesmo quando tentava ajudar, sempre conseguia tornar a situação ainda pior.

Margery apontou para o padre.

— O senhor disse, padre, que eu deveria rezar para achar um jeito de dar de comer aos meus filhos, que Deus iria me ajudar. Bem, Ele ajudou. Mandou a srta. Corbuc aqui para fazer essa égua parir um potro que estava preso dentro dela. A égua é minha, padre. A srta. Corbuc e eu fizemos um trato. Ela disse que eu poderia ficar com a égua se a abrigasse aqui no meu estábulo até o potrinho nascer. Essa égua teria morrido, se a srta. Corbuc não a tivesse ajudado a parir. — Minha égua — repetiu —, que vai alimentar minhas crianças.

Um calafrio sacudiu Sybilla. Addy ia para o açougueiro? Margery nunca mencionara isso!

Margery ajoelhou-se e inclinou a cabeça diante do padre.

— Deus abençoe a srta. Corbuc. Ela salvou mais almas esta noite do que o senhor com cem sermões.

Sybilla gemeu sem querer. *Cale a boca, Margery, por favor*, pensou.

O rosto do padre Ambrose ficou da cor de uma beterraba.

— Ela infringiu a lei.

O xerife fez um gesto para o guarda.

— Ora, então, temos uma testemunha, srta. Corbuc. A viúva Margery acabou de confirmar seu crime. Vai para a prisão de Gambolt, aguardar julgamento. — Tirou as algemas da mão do guarda. — Se for condenada como uma Segregada, já sabe o que vai acontecer depois. — Riu como se estivesse desapontado. — É uma judiiação marcar esse rosto tão adorável...

A boca de Margery escancarou-se de espanto.

— Nossa, srta. Corbuc, eu não imaginei que iria dizer o que eles queriam ouvir!

Sybilla endireitou os ombros.

— Está tudo bem, Margery. Mais cedo ou mais tarde, eles

acabariam me prendendo.

As correntes tiniram. As algemas de ferro se abriram.

Guy agarrou o pulso de Sybilla.

— Pare, xerife! O senhor não tem voz ativa aqui.

O xerife olhou feio para Guy.

— Por ordem do bispo, tenho sim, sir Guy. Mantenho a lei em Cornbury pela Igreja e para lorde Hamon. A partir deste momento, a égua está sob minha custódia, e o potro fica comigo até ser desmamado. Mas sou um homem justo. Deixarei que a srta. Corbuc fique com o vestido e os sapatos. Ela será levada para a prisão logo de manhã. Tenho direito de despi-la agora e arrastá-la até lá antes do julgamento, tão grave é o seu crime.

Estendeu as algemas como se esperasse que Sybilla as pusesse por si mesma.

Guy levou a mão para a espada e deu um passo na direção do xerife; o movimento era uma ameaça calculada.

— A srta. Corbuc não está sob sua jurisdição. O potro é praticamente sem valor, marcado como é. Mas ela concordou em vendê-lo por metade de um xelim. E vai trabalhar para mim como serva. Eu a empreguei por três anos. A vida dela já é minha, assim como a do potro. E concordei em pagar um xelim à viúva pela velha égua.

Margery ergueu os olhos arregalados, meneando a cabeça em concordância.

As palmas de Sybilla ficaram pegajosas de suor. Sir Guy de Warwick tomara posse de seu potro, e agora acabara de reivindicar a *ela*, como sua serva... por três anos!

Pelo Todo-Poderoso! Ela havia jurado à sua mãe que nunca seria uma serva. Vira as cicatrizes nas costas da mãe, cicatrizes de um patrão brutal que a surrava até que perdesse os sentidos. Sir Guy de Warwick não podia esperar que ela desistisse de sua liberdade. E ela não iria se separar de Regalo, o potro que era seu futuro, por metade de um xelim, nem por preço algum!

— Não! — esbravejou.

A palavra saiu antes que Sybilla visse os olhos suplicantes de Margery. Com um xelim, Margery daria de comer à família durante um ano.

Sybilla respirou fundo e mordeu o lábio. Desistir de sua liberdade salvaria Addy, Margery e os filhos dela. E era a única maneira, no momento, de evitar uma estadia na prisão de Gambolt. Seus pais tinham morrido naquele lugar infestado de doenças. Não eram criminosos, apenas gente pobre que não conseguira pagar as dívidas. E mesmo que ela sobrevivesse à prisão de Gambolt, seria sentenciada como uma Segregada. Não tinha coragem nem forças para tanto.

Seu coração disparou. Era melhor seguir com aquela farsa e sobreviver.

Endireitou os ombros e olhou para sir Guy.

— Quero dizer... *não*, sir Guy, o senhor concordou em dar *dois* xelins à viúva Margery, não um.

Um sorriso enviesado cruzou o semblante de sir Guy, que fez um gesto de desculpas por ter tentado trapacear.

Sybilla inclinou a cabeça, fingindo concordar.

— E dê a ela a metade de um xelim por meu potro. Devo isso pelo feno.

Guy abriu a boca como se fosse protestar. Mas deu de ombros.

— Como quiser, srta. Corbuc. — Virou-se para Simon. — Sir Simon, pague a viúva Margery com as moedas que ganhei no jogo e que lhe dei para guardar ontem à noite.

Simon praguejou por entre os dentes. Soltou o amarrilho da bolsa de couro do cinto e jogou-a para Margery.

— Sorte que poupou um pouco, mas é tudo o que restou. — Lançou um olhar para o xerife.

Sybilla arqueou uma sobrancelha, surpresa, e o xerife cruzou os braços.

— Sir Guy, tenho ordens do bispo para prender a srta.

Corbuc e recomendações de lorde Hamon de encontrar o colar roubado. O que supõe que eu deva fazer?

Tamborilou os dedos na bolsa de couro afivelada ao cinto de prata e lançou um olhar furtivo para o padre, que inclinou a cabeça como se concentrado em rezar.

Os olhos de Guy cravaram-se nos do xerife.

— Diga ao bispo que ele não será mais incomodado pela srta. Corbuc. Ela encontrou emprego como serva de sir Guy de Warwick e irá embora de Cornbury. E diga a lorde Hamon que não conseguiu encontrar o colar. Procurou por toda parte, até mesmo entre os fardos de feno e a baia. — Guy disse as últimas palavras devagar, sugestivamente. Apontou a espada para o coração do xerife. — Mas saiba que não sou nenhum ladrão, xerife. Não aceito tais acusações levemente. Se o senhor, ou lorde Hamon, ousar me desafiar, não deixarei escapar a oportunidade de aceitar as coisas, espada contra espada. Homem a homem, sem ter de esperar a temporada de lutas.

O xerife recuou.

— Eu mesmo vou procurar nos fardos e na baia. Encontrarei esse colar, sir Guy. E se o senhor e a srta. Corbuc ainda estiverem em Cornbury ao raiar do dia, mandarei dez homens com lanças para caçá-lo, se Hamon e a guarda não o encontrarem primeiro. — Sacudiu as algemas. — Bons ventos a levem, srta. Corbuc. Escapou por pouco da prisão... por enquanto. Sabe o preço por aquilo que fez.

Sybilla encolheu-se.

O potrinho aproximou-se. Cheirou os sapatos vermelhos do xerife, deu meia-volta, sacudiu a cauda e... soltou um pum.

Sir Guy sorriu.

— *Voilà*. Parece que meu potro tem uma opinião bastante desfavorável do senhor também.

Ele inclinou-se num floreio e tocou a face cega da espada na testa, numa saudação zombeteira.

O padre, Margery e Etienne ficaram paralisados, em silêncio,

mas Simon dobrou-se em dois, às gargalhadas, enquanto Sybilla levava a mão à boca para esconder o sorriso.

O xerife cuspiu e plantou as duas mãos nos quadris.

— Conheço os boatos espalhados pela vidente. Ela é uma Segregada e uma herege. E a srta. Corbuc aqui o enganou com certeza. Esse potro não é mágico e, com quatro patas brancas, é tão imprestável quanto ela. Mas esse é um jeito satisfatório de encerrar minha noite. É evidente que o senhor e a srta. Corbuc merecem um ao outro. Dê o fora de Cornbury antes que o galo cante!

Com isso, girou nos calcanhares e saiu pisando duro, com o indignado padre cambaleando atrás, arrastando o feno espalhado na esteira da batina.